

# Compreendendo a Maior Floresta Tropical da Terra

**É** A MAIS MAGNÍFICA – E IMPORTANTE – vitrine da natureza.

Espalhada em 7 milhões de quilômetros quadrados e nove nações, a região contém aproximadamente 50% das florestas tropicais, da flora e da fauna do planeta e o maior rio do mundo, que contém dois terços da água doce do planeta.

Ainda mais importante que as maravilhas naturais com tamanha biodiversidade, o bioma amazônico também atua como um gigantesco pulmão para mais de seis bilhões de pessoas, absorvendo grandes quantidades de dióxido de carbono, armazenando-o e reciclando-o para produzir 20% do oxigênio necessário para o planeta. Sem a Amazônia, o mundo efetivamente sufocaria até a morte.

Mas, mesmo com um planeta dependente desse ecossistema e um milhão de hectares sendo perdidos a cada ano, principalmente devido à invasão humana, cientistas ainda não sabem como de fato este sistema funciona.

Um projeto de quatro anos de duração, ao custo de US\$ 4 milhões, entre a JICA e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) do Brasil, lan-

çado em 2010, tem o objetivo de responder estas questões em aberto, tais como quanto de carbono todo o bioma retém. Através de acúmulo de dados, políticos e cientistas serão capazes de enfrentar mais efetivamente os desafios como as mudanças climáticas e a conservação da biodiversidade.

É o projeto mais abrangente deste tipo já empreendido na Amazônia que utilizam tecnologias de

Satélite monitorando o desmatamento pelo homem na floresta amazônica



Medindo a Amazônia ao nível do chão



NATIONAL INSTITUTE FOR AMAZON RESEARCH INPA

**Projeto mais abrangente deste tipo já realizado na Amazônia.**

## Florestas Tropicais da Terra Monitoradas a partir do Espaço

A destruição da floresta tropical amazônica teve seu ápice em 2004 quando 26.000 quilômetros quadrados de mata virgem foram desmatados. No ano passado, este desmatamento foi reduzido em 6.000 quilômetros quadrados anuais. O satélite japonês ALOS (conhecido como “Daichi” no Japão) colaborou para que as autoridades do governo brasileiro combatessem o desmatamento da floresta, fornecendo imagens produzidas por seus radares das regiões

ameaçadas, principalmente, no período de chuvas quando nuvens pesadas cobrem as florestas. De acordo com Cláudio Almeida do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais do Brasil, tal



monitoramento, que é parte de um projeto de três anos de duração patrocinado pela JICA, também pode auxiliar no rastreamento das mudanças climáticas, assim como monitoramento da produção agrícola, propagação de doenças e até mesmo o desenvolvimento da infraestrutura, tais como a construção de novas rodovias. Um outro programa com quatro anos de duração, previsto até 2014 consiste na transferência das

experiências brasileiras no monitoramento da floresta tropical para outros países que enfrentam problemas similares. Dois técnicos da JICA fazem parte da equipe que é composta também pelos especialistas do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). São realizados uma série de seminários de treinamento para funcionários do governo de outros países da América Latina, África e Sudeste Asiático.

ponta, tais como satélites, radares, instrumentos aerofotogramétricos e imagens a laser, além da simples “força das pernas” para explorar a vida na floresta.

Monitores locais estabeleceram mais de 1.500 pontos em toda a Amazônia onde as árvores são enumeradas e medidas a sua quantidade de carbono

As informações compiladas fornecerão um quadro abrangente da quantidade de carbono de todo bioma, além da quantidade de CO<sub>2</sub> retido e não liberado na atmosfera, que poderia contribuir ainda mais para a mudança climática e degradação do meio ambiente.

De acordo com Niro Higuchi, pesquisador chefe do INPA neste projeto, os resultados tecnológicos e as observações humanas são a “combinação perfeita” que permitirá aos pesquisadores preencher quaisquer lacunas existentes na sua compreensão do sistema.

Do mesmo modo importante, a tecnologia japonesa permitirá aos cientistas “interpretar” completamente os dados brutos para construir uma base abrangente de informações, completou.

Especialistas do Instituto Japonês de Pesquisa da Floresta e dos Produtos Florestais (FFPRI) e da Universidade de Tóquio visitam a região ao menos três vezes por ano. E anualmente, três membros da contraparte brasileira vão ao Japão para participarem de cursos avançados da JICA

Higuchi que é filho de japoneses, especialista em florestas nascido no Brasil, tem trabalhado em um programa similar desde 1980 e relatou que o presente projeto é efetivamente uma continuação de

um programa lançado em 2004.

Ele disse que os resultados preliminares foram mistos. “No curto prazo”, ele disse, “estamos bem para o momento. Nós estamos quase em equilíbrio. No geral, a floresta ainda está acumulando carbono e ajudando a limpar a terra.”

Entretanto, outros fatores, como a desmatamento da floresta, continuam em atividade, disse. Quase 20% da Amazônia já foi desmatada.

Governos e cientistas já reconheceram que o altruísmo ou a nostalgia não vão salvar os recursos naturais do planeta e que estes necessitam ser encarados para sermos capazes de garantir sobrevivência. Higuchi disse que o atual projeto ajudará a “valorizar” a Amazônia e que os resultados ajudarão a conservar a floresta no longo prazo.

Negociações internacionais estão em andamento para introdução de um sistema de obrigações, responsabilidades, prêmios e penalidades para as nações no que se refere à mudanças climáticas.

Um mecanismo conhecido como REED (Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação) permite que as nações que utilizam suas florestas para mitigar as mudanças climáticas, possam receber benefícios financeiros ou outros benefícios, um sistema que poderia beneficiar o Brasil e as nações vizinhas uma vez que informações precisas sejam disponibilizadas para o entendimento de como a Amazônia de fato funciona. ■